



# No campo

(Cliché de J. d'Azevedo)

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.*

EDITOR

*Antonio José de Carvalho.*

ADMINISTRADOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

## Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de  
informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . . . 2\$400  
(6 mezes) . . . 1\$200  
(3 mezes) . . . 600

À cobrança feita pelo correjo ou pelo co-  
brador, accresce o importe das despesas.

Estrangeiro (1 anno) . . . . . 3\$000  
(6 mezes) . . . . . 1\$500

Numero avulso . . . . . 60

Numero 54

Braga, 11 de julho de 1914

Anno II



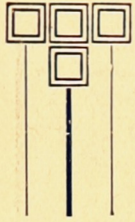
# Collegio Povoense

FUNDADO EM 1907

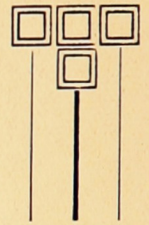
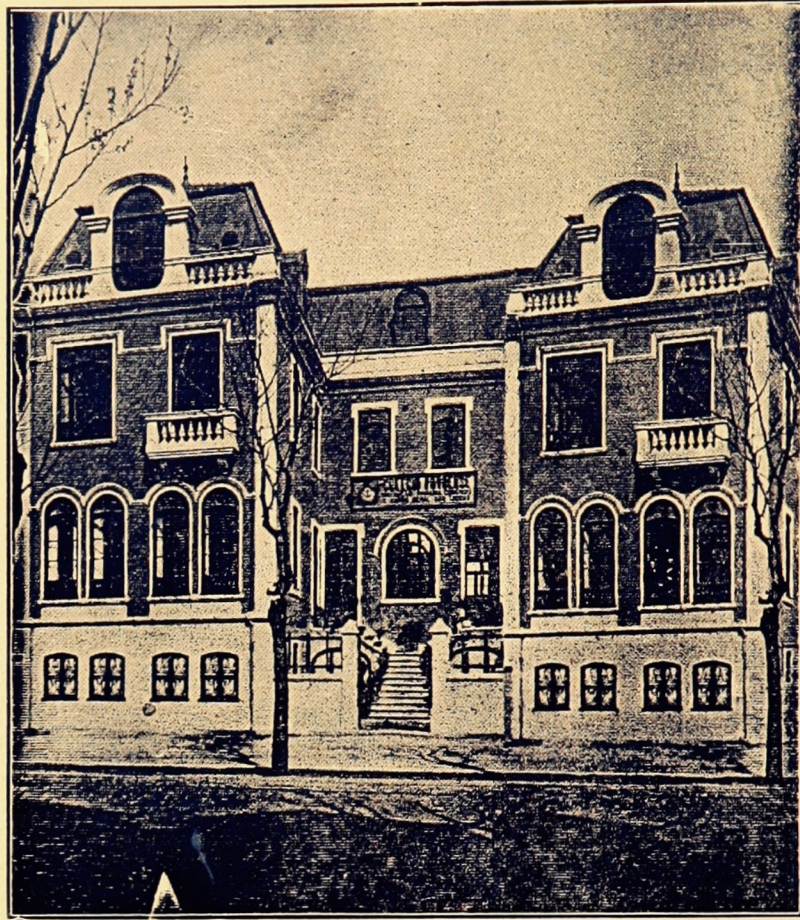
Pensão annual — 120\$000 reis

## POVOA DE VARZIM

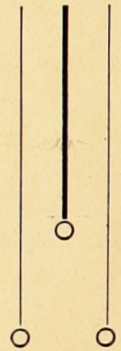
A MAIS LINDA PRAIA DO NORTE DE PORTUGAL



Estabelecimento  
modelar,  
optima installação,  
clima maritimo  
saluberrimo



Lecciona  
instrução primaria,  
curso geral  
dos Lyceus e curso  
commercial



Os alumnos habilitados por este Collegio tem obtido sempre bom resultado nos seus exames

DIRECTOR *P.<sup>e</sup> Manoel R. Pontes.*

## Collegio Lyceu Portuguez HUY (BÉLGIQUE)

DIRECTOR—José Luiz Mendes Pinheiro

Situação magnifica.—Educação moderna.

—Instrucção primaria e secundaria completas

—Preparação para as universidades belgas.

—Professores de diversas nacionalidades para  
o ensino das linguas.

Este collegio veio substituir o antigo Collegio Lyceu Figueirense, da Figueira da Foz. N'elle encontram os alumnos as vantagens d'uma educação moderna, n'um dos paizes mais avançados da Europa, sem augmento de despeza.

Viagens e todas as despesas por conta do Collegio, mediante o pagamento d'uma annuidade fixa, cuja importancia não é superior ao total das despesas a pagar em collegios portuguezes. Pedir prospectos ao director.





# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 11 de julho de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 54—Anno II



S. VICTOR

(Esculptura de José Evangelista Vieira, artista bracarense)



# Chronica da Semana

LIV

ESTE seculo de agitações frementes de ideias, em que cada dia é marcado por uma invenção, e cada hora por um grito vibrante de guerra, seculo de estranhos requintes nos appetites em que a preocupação do exótico abraça a do inedito, e uma sensibilidade sobreexcitada orienta a arte, leva-nos áquell'outro de fatuidade esplendida e magnifica em que a voz solenne de Bossuet recordava aos senhores da terra, delirante de oiro, aquellas grandes e terriveis lições com que a Providencia sóe cadaverisar o orgulho humano! A tragedia de Sarajevo bem o demonstra aos incredulos e descuidosos.

E' preciso recuar na longa estrada da historia até ás lendarias dynastias da velha Grecia, cujos chefes, segundo a crença popular, hobreavam com os deuses, para vêr reunidos n'uma só familia tamanhos dramas como os que feriram a casa illustre de Hamburgo!

Ella passa no scenario da vida dos povos como um cortejo de dôr e de desgraça, e Francisco José surge como a incarnação de ambos, soberano sagrado para veneração bondosa de mil raças diversas, pela mão chupada e poderosa da mão chupada e poderosa da Morte, que é, como a Vida, mensageira dos designios imprescindiveis do Senhor!

Atirado aos 18 annos para os encargos d'um throno oscillante, pela onda revolucionaria, era destinado ao pasto dos lutos que dilaceram, e parece que Deus o poupou á sanha ferina

do sicario que em 1853 tentava apunhala-lo nas ruas de Vienna para que elle, victima innocente offerecida em holocausto ao moloch da maldade e do odio, visse a derrocada sangrenta de Sadowa, que, com os roubos da Venecia pela Italia e da Lombardia pela França, constituiu a grande provação da sua patria, cheia de sonhos de gloria e ambições de dominio.

E' atterradora, desde então, a precipitação das catastrophes.

Volvido um anno, o moço imperador vê cair,

varado, n'aquella madrugada horrerosa de Queretaro, pelas balas dos revolucionarios, quadrilhas mexicanas de Juarez, a seu proprio irmão; e quando a mysteriosa cillada de Meyerling lhe rouba o filho amado, em cuja frente elle beijara a esperança mais bella da sua vida, começa de espalhar-se pelo povo a prophécia tragica de que o imperador enterrará dois herdeiros...

Era já grandiosa de luto a figura de Francisco José.

Ao lado, a viuva de seu irmão, accordava, em desafios roucos de cholera ou em escaralhadas cordantes, os echos dos palacios, com a allucinação tenebrosa da sua loucura, enquanto elle seguia com o olhar nevoado de tristezas, o vulto esbelto da esposa, a formosissima imperatriz errante, que passeava por sobre a inquietação rugidora dos mares, a inquietação enygmatica do seu espirito e a remordente sêde da sua alma insatisfeita — até que o punhal de Luccheni a atirou para o tumulo!...

Sarajevo é um elo da mesma cadeia de mortes. A Austria e a Hungria inteiras vão offerecer os seus peitos saccudidos pelos soluços d'uma dôr que a todos fere, para que o velho rei n'elles descansa a frente que o vendaval, como ao roble vetusto, fez curvar. Atravez do crystal de lagrimas, sôro em que a sua alma innocente se desfaz, duas creanças, fitam, na angustia esmagadora da orphandade, uma negra visão de dois cadaveres em cujos rostos laivados de sangue, deformados pela ultima aspiração titanica de viver, ellas reconhecem as feições do pae que as educava no culto da patria e da mãe que lhes ensinava as orações!...

Foi um servio que lhe feriu o coração e resequiou de novo as esperanças, acreditando vingar com o sangue uma affronta aos brios da sua raça. Mas na hora que passa, o Konak de Sarajevo onde foram expostos os cadaveres dos archidukes, faz lembrar um outro, o de Belgrado, em que uma noite de ha dez annos, outros servios massacraram sem piedade um homem inerme e tremulo e uma mulher que implorava perdão...

São assim as grandes e terriveis lições da Providencia, com que ella cadaverisa o orgulho humano!

F. V.



XII

## Aventuras das palavras

I

### Futilidades e ninharias

**U**MA lingua, que eu me poria agora a estudar, aos 33 annos, sabem qual era? Não atinam, era o portuguez.

Justo! O portuguez. E não me refiro ao *calão*, para me habilitar a ler certas gazetas republicanas e, por vezes, os extractos das sessões parlamentares. Não, senhores. Digo o portuguez limpo e castiço,

Não lhes parece, leitores, que depois de termos presenciado algumas das aventuras das letras do alphabeto, será divertido, e instructivo, recordarmos as aventuras de algumas palavras da nossa lingua?

Futilidades! Ninharias! — exclamarão. Bem; dou que o sejam, e pergunto: quantos leitores da *Illustração Catholica* investigaram já, por exemplo, a origem d'estas duas palavras: *futilidade* e *ninharia*? Se me dão licença, vou descerrar um pouco os mysterios, que ellas envolvem; no fim diga-me cada um dos leitores se não aprendeu alguma coisa.

Abram o dictionario de Candido de Figueiredo, voz *futil*: «Vão: leviano; frivolo. Insignificante, *conversa futil*. (Latim: *futilis*). Não tenho aqui o dictionario etymologico de Adolpho Coelho; mas supponho que pouco mais dirá; o leitor fica perguntando: e o latim *futilis*, pae do nosso *futili*, d'onde vem?

Longa seria a viagem, se tentassemos remon-

tar á raiz da palavra, e agrupar, em torno d'ella, todas as palavras em que a mesma syllaba *fu* apparece, já descoberta, já disfarçada. Basta, por ora, isto: no dictionario etymologico latino de Bréal, temos que *futilis* vem da mesma raiz do verbo *fundere* — derramar, fundir, dispersar, por onde o nosso *futil* está estreitamente apparentado com: *confundir*, *confusão*, *infundir*, *infusão*, *diffundir*, *diffusão*, *profundo*, *profusão*, etc., e *refundir*, *transfundir*, *infundir*,



MIRANDA — Na fonte

não só o dos Bernardes, Vieiras e Lucenas, senão tambem o de uso corrente, entre gente que se respeita.

Porque todos nós temos a presumpção de saber o que dizemos, quando fallamos portuguez. E comtudo, que de mysterios não occultam as palavras que proferimos! Se lhe escavassemos um pouco a origem, que estupefactos não ficaríamos, ao ver que serie de aventuras correram, antes de chegarem á significação actual!

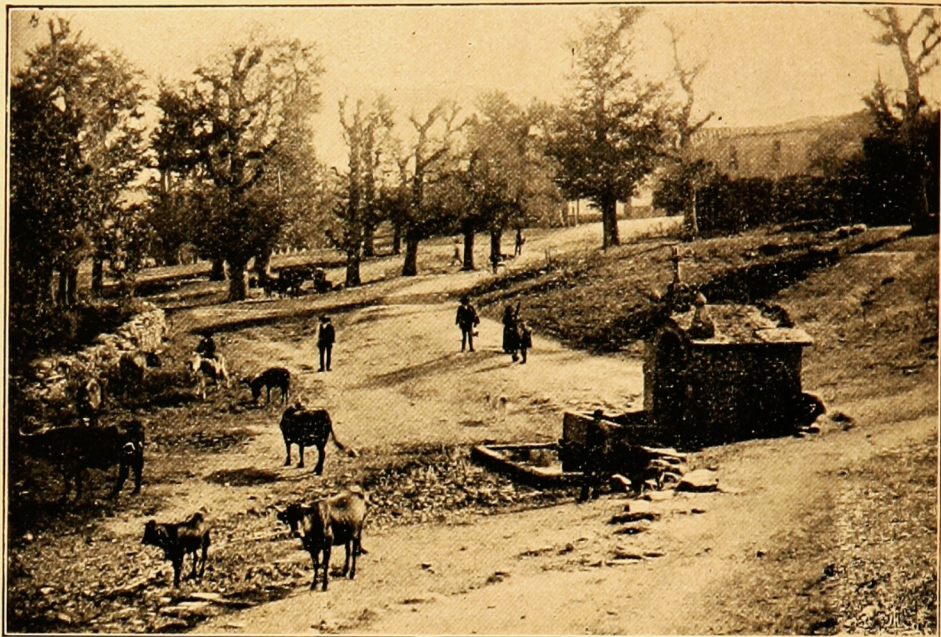


*confutar, refutar, etc.* O participio passado d'este verbo *fundere* é *usus*, antigamente *futus*, (por *fudtus*) e havia o substantivo *futis* "a acção de espalhar, derramar,, d'onde se formou *futire* e *effutire*, tagarelar, dizer frivolidades e *futillis*. "Esta ultima palavra, diz Bréal,

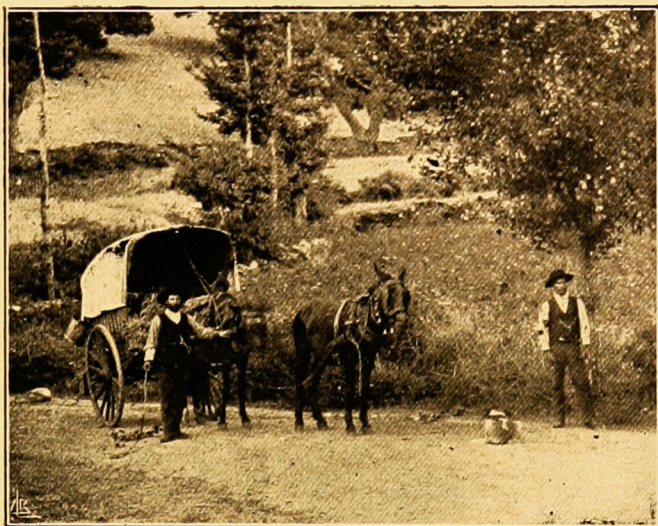
diz-se d'um vaso que deixa verter a agua, d'um fallador que falla pelos cotovellos, e, por consequencia, tambem das coisas inuteis e frivolas, que elle diz,,. Isto não basta. No dictionario etymologico latino de Brozzi vemos, por um texto de Varão, que *futis* foi substantivo latino que significou vaso de agua: "*vas aquarium vocant futim, quo in triclinio allatam aquam infundebant*: vaso de agua com que no triclinio deitavam a agua que se trazia,, e que segundo Festo futeis são: *futiles dicuntur, qui silere facenda nequeunt*: os que não podem callar as coisas que se devem callar, *sed ea effundunt*, mas as derramam,,.

grêdo, e d'ahi, com facil transição, applicou-se a significar frivolo, vão, de nenhum fundamento ou valor,,.

Diga-me o leitor se, quando chamou futildades a estas desprezenciosas conversas ao serão, lhe passou pela cabeça o parentesco de fu-



MIRANDA — A caminho do lameiro



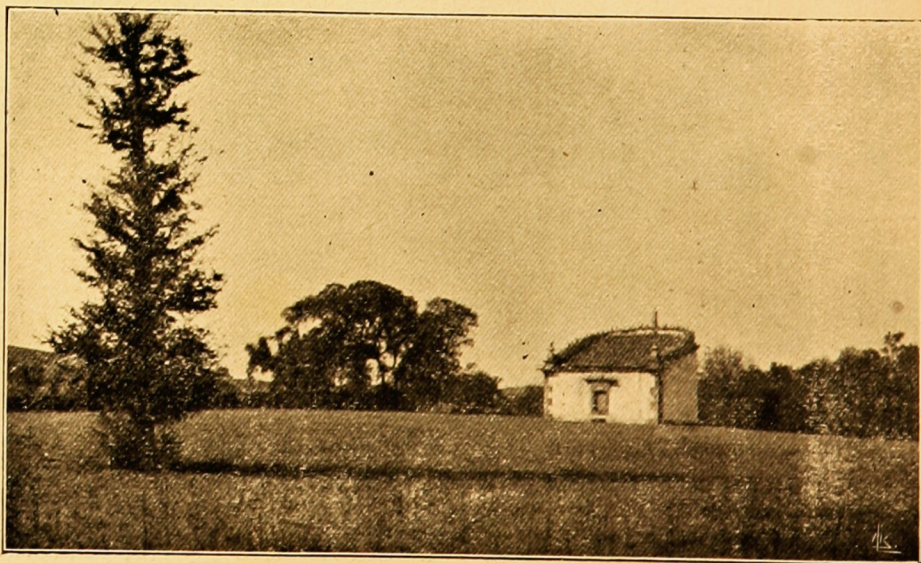
MIRANDA — Carro-mato

Ainda não é tudo: No dictionario etymologico italiano de Pianigiani lê-se, a respeito de *futilla vasa*: "Este nome tiveram entre os latinos certos vasos de bocal amplo e fundo em ponta, usados primeiramente no culto de Vesta, para que os ministros d'aquella deusa não podessem depôr em terra o vaso, quando estivesse cheio de agua, sendo contrario aos escrupulos religiosos, que nas ceremonias d'aquella deusa se derramasse agua no chão. Do vaso que facilmente *entorna*, aquelle attributo passou, depois, á pessoa falladora, que não pode nem sabe guardar se-

tilidade com tantas palavras portuguezas, e a ideia d'um vaso, e a deusa Vesta, e a razão do significado da nossa palavra! Muito provavelmente a nossa *infusa*, (bilha) está acudindo agora á memoria do leitor... E *funil* tambem...

Deixemos o muito que poderíamos dizer do que vimos no caminho percorrido pela raiz de *futil*, e digamos duas coisas das *ninharias*. Candido de Figueiredo manda-nos para o hespanhol *niñeria*; n'um dictionario etymologico hespanhol encontramos *niñeria* de *niño*, menino. E quanto á origem de *niño*: "Da voz primitiva *ninno*, usada em Hespanha e Italia, e, por tanto, de origem ibero-celtica: em lombardo *nana*; recém-nascido; em Portugal e na Galliza conserva-se *menino*, (1)

(1) Sobre a etymologia de *menino* tenho uma ideia que exporei mais adiante.



MIRANDA — Um pombal no campo

(Clichês do phot. am. snr. José A. Moreira)



em provençal *nina*, dormir; em hespanhol *nana*, somno do recém-nascido; em italiano *ninare*, adormecer os meninos.»

Póde ser que a curiosidade dos leitores se dê por satisfeita com estas indicações. A minha não. Fui consultar os etymologistas italianos, e achei que a questão é muito mais complicada, e que a verdadeira origem das nossas *ninharias* é bastante duvidosa.

Em italiano *ninharia* diz-se *ninnolo*, brinquedo de creanças e coisa pequena, sem importancia; ha *ninna-nanna*: cantillena para adormecer creanças; o nosso infantil *nannar* dizem-no elles: *farla nina*; ha *ninna*, menina e *ninnare*: embalar, como em portuguez *ninar*: acalantar e dormir, e paralelo ao nosso es-

Accrescente-se agora que nós temos *anão*, homem pequenino, como o romêno *nan*, o provençal *nans nana*, o francez, *nain*, o hespanhol antigo *nano* e o moderno *enano*, e o italiano



1. COIMBRA — Os alumnos da Escola Medica do Porto na sua excursão de estudo. A chegada.

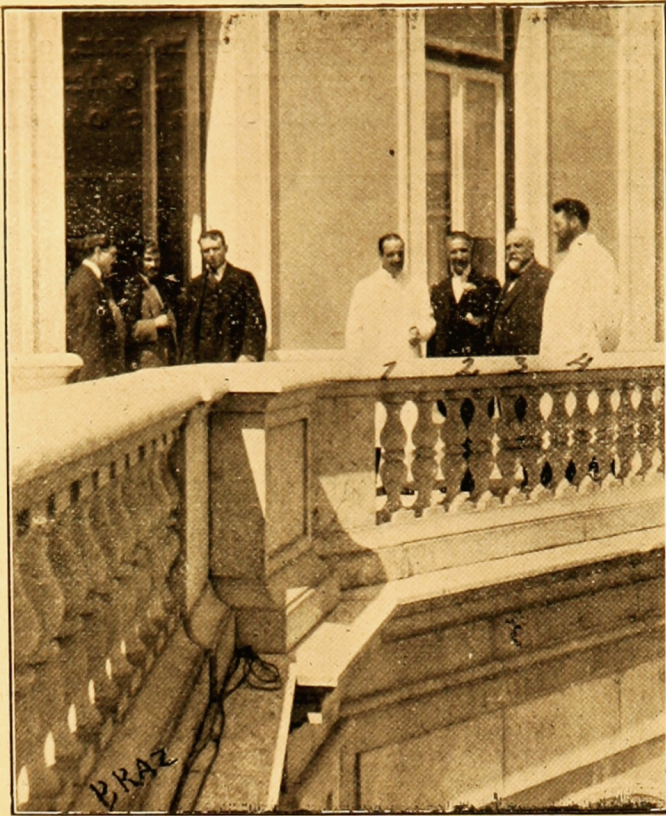
2. COIMBRA — Os excursionistas visitam o Hospital. No 1.º plano o dr. Aguiar (no meio), á direita o dr. Elysio de Moura e á esquerda o dr. Cavaco, terceiranista de Medicina.

3. LISBOA — Os alumnos da Escola Medica do Porto nos claustros dos Jeronymos.

tar *ninando* (não fazer caso) dizem elles *ninnarzela*: estar irresoluto; nós temos tambem *nino* por menino, e *nana*, o canto para adormecer; o provençal *ninoi*; coisa muito pequena; o antigo normando *nunus*, d'onde o verbo *nunter*, equivalente ao italiano *ninnolarse*, entreter-se com coisas de pouca monta; no catalão ha: *nina*: pequenita, no celta gaulez *ninn* e no vasconço *ninia*: filha; no hebreu ha *nin*: filho...







LISBOA—Os excursionistas na Faculdade de Medicina. 1.<sup>o</sup> Dr. Celestino da Costa. 2.<sup>o</sup> Dr. Alberto d'Aguiar. 3.<sup>o</sup> Dr. Bello de Moraes. Ao lado alguns alumnos

nano, com a mesma significação; temos tambem que em italiano *ninnolo*, o nosso «ninharia,» se diz tambem *nannolo*.

Estamos, pois, em presença de uma palavra que se encontra largamente espalhada e ramificada nas varias linguas novi-latinas, e até no vasconço e no hebreu apparece, com a significação, que parece originaria, de creancinha pequenina. Onde iremos filiar o nosso *ninharias*, em ultima analyse? E' evidente que vem de *ni-*



LISBOA—Os excursionistas no Hospital de Santa Martha



LISBOA—Uma enfermaria do Hospital de Santa Martha

neria e esta de *niño*. Compare-se com *pueritudo*, de *puer*: menino. Mas o *niño* espanhol d'onde vem? Do *nin* hebreu? Do *ninia* vasconço? Em grêgo ha *nanos* e *nannos*: creancinha e anão, como em latim *nanus*, anão, d'onde veiu para as linguas novi-latinas o *anão*, o *enano*, o *nano*, o *nain*, etc.

Ha quem busque a origem da *nana* (cantilena) no grêgo *nannodia*, (*nynion* em Hesichio) composto de *nanne*, voz infantil para chamar a tia, ou ama, e em geral appellativo affectuoso de mulher (em albanês *nanne* e *nenne* tia) e *odia*, de *odé*: canto. Outros deduzem a *nana* (canto) de *nenia*, canto funebre, etc.



LISBOA—Os excursionistas esperando o "electrico," em Algés  
(Clichés do phot. am. snr. Antonio Braz d'Aranjo)



Meninski regista que em persa ha *nanu*, com a significação de canto para adormecer creanças. Em grêgo ha *neanias*: creança, mas de outra proveniencia, e nós temos *nênes*... provenientes... de Paris!

Em resumo: as *ninharias*, que pareciam tão... *ninharias*, teem dado que suar aos etymologistas, e creio que nenhum saberia dizer, ao certo, de que raiz unica provieram tantas palavras em que se nota a perpetua duplicação do *n*, quanto á forma, e a noção de creança, quanto ao sentido, já pelo canto que as adormece, já pela pequenez que lhes é propria.

Atrevo-me a formular uma hypothese, sem a mais pequena pretensão de resolver o problema: os etymologistas derivam o *nenia* (canto funebre) latino, como o grêgo *neniaton* (pranto) de uma raiz *na*: gritar, lamentar-se, e da noção de gritar, rumor, é usual nas linguas ver surgir a ideia de *louvor*, *encomio*. D'essa raiz *na* se fez em sanscrito *nava-louvor*, *encomio*, e *navana*, com a mesma significação, d'onde *na(va)n-ja*: *nenia*: canto funebre laudatorio. "Estes cantos funebres, nota Bréal, eram muitas vezes commettidos a carpideiras salariadas, o que os fez cahir em descredito. D'ahi o sentido de "*bagatelas*, *palavras ôcas*, que a palavra tinha tomado ao tempo de Horacio... Não é possivel vê

## Escola das Chagas



Ha pouco mais d'um anno, nas suas notaveis conferencias quaesmaes das Chagas, o illustre orador sagrado que é o padre Fernandes de Castro, pedindo aos seus ouvintes donativos para a fundação d'uma escola, inspirada no espirito de Deus, lançou em bom e generoso terreno a semente d'uma bella e fecunda obra.

A ideia, que assim era exposta e tão valioso oppoio encontrára na eloquencia d'um dos maiores tribunos do pulpito do nosso tempo, nascera no espirito e na intelligencia d'uma das mais illustres assistentes d'essas conferencias, uma nobre senhora que tem sempre sabido honrar, na pratica de todas as virtudes, o grande nome que usa, a snr.<sup>a</sup> D. Victoria Barbosa de Oliveira Martins. D'ella fôra a ideia e d'ella veio depois a iniciativa da sua realisação. A Escola das Chagas, para educação das creanças pobres

do Bairro da Bica, surgiu. A semente fructificára e florescia: primeiro, arbusto tenro; já hoje, arvore frondosa e florida, a cuja sombra 34 creanças, roubadas á rua e á miseria, se abrigam. Na Escola aprendem essas creanças a ler, a escrever, os primeiros rudimentos da instrucção e da costura; na Escola, que lhes dá as primeiras luzes do espirito, encontram uma refeição, gratuitamente fornecida—mas, sobretudo, n'essa Escola, que a caridade e a religião illuminam, recebem a doce claridade da Fé, que é a melhor virtude e o mais bello estimulo da Vida.



LISBOA — Alumnas da Escola das Chagas com a sua professora D. Apollonia Marques

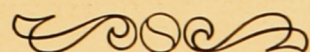
(Cliché do phot. am. snr. Pedro Sotto-Maior)

n'este ultimo sentido de *neanias* a origem das nossas *ninharias*; mas a mesma raiz *na* (gritar), duplicada, como tantas vezes acontece, não daria a ideia á *creancinha*, que grita a miudo? D'ahi a do *canto* para a fazer callar e dormir, e, da noção de creança, a de *anão*? Eu lembro aos que sabem; não decido. Sou um curioso n'estas materias...

E até ao proximo serão.

ARTHUR BIVAR.

Tal é a obra, cujos fundamentos dois grandes corações e dois formosos espiritos lançaram e que outros corações teem amparado e protegido. Tal é a obra, cujo exemplo vale como uma lição que consolador e grato seria, nos tempos que vão correndo, vêr engrandecida e multiplicada.





# COLLEGIO DE ERMEZINDE



No mez passado vieram a Braga em excursão escolar os alumnos do importante Collegio de Ermezinde. Visitaram o lyceu onde foram gentilmente recebidos pelo digno reitor d'aquelle estabelecimento de ensino seguindo depois para o

Bom Jesus do Monte, hospedando-se no Grande Hotel do Parque.

A convite do 1.º "team," academico de Braga os alumnos do Collegio de Ermezinde realizaram um "match," de foot-ball no recreio do antigo Collegio do Espirito Santo sahindo victorioso o "team," do Collegio de Ermezinde. A seguir publicamos algumas photographias em que o nosso apreciado collaborador Augusto Chaim, do Porto, mais uma vez revelou as suas esplendidas qualidades de amator.



COLLEGIO DE ERMEZINDE — Grupo de alumnos que frequentam o collegio tirado junto da gruta do Bom Jesus do Monte, antes do jantar



COLLEGIO DE ERMEZINDE — Cavalgada organizada pelos alumnos no trajecto do Bom Jesus ao Sameiro



# VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALEM FRONTEIRAS)



O presidente do governo portuguez, cumprimentando, choroso, a legação d'Austria pelo tragico attentado de Sarajevo, cumpriu talvez um dever de cortezia mas collocou-se uma vez mais em ridiculo. O sr. Bernardino Machado não poderia ter tido a louca pretensão de fallar em nome do paiz, que não está com o governo, que não está com as instituições. Fallaria em nome da horda demagogica que o sustem, instigadora do attentado pessoal, glorificadora de crimes mas, nunca, em nome do paiz. A demagogia não pode deplorar um attentado, não pôde chorar um crime, não pôde verter lagrimas, que não sejam as lagrimas classicas do crocodillo. Collocou-se n'essa situação odienta, no dia nefasto para o brio nacional, em que glorificou o Buiça. A republica não pôde ter um gesto de piedade perante o mal alheio porque não soube ser piedosa com os seus.

Não pôde, não sabe chorar, porque só tem sabido ferir. Cordeal ou desvairada, conciliadora ou irritante, nas mão do snr. Bernardino Machado, nas mãos do snr. Affonso Costa, a republica tem sido unicamente uma espada de dois gumes. A sua piedade é um insulto, o seu contristamento uma incoherencia. Ninguem toma a serio os seus sentimentos de compaixão.

Esses homens, que representam a republica, não podem chorar perante o athaude dos assassinados.

Elles, que na propaganda mais dissolvente preconisaram o crime como um processo libertador e de posse do poder, consentiram, sancionaram, os mais infames attentados, não podem, sem ridiculo, lamentar o horroroso crime que acaba de ensanguentar uma grande nação.

Vão, com certeza, dizer os raros apaniguados d'essa phalange desvairada, que humilha e vexa a patria portugueza, que os republicanos jamais se solidarisaram com os regicidas do Terreiro do Paço,

Não ha duvida... A seguir ao crime, por medo, hypocritamente, cobardemente, repudiaram as responsabilidades e quasi cuspiram affrontas sobre os cadaveres d'esses dois desgraçados inconscientes, que a sua propaganda arrastara até ao crime, mas, se-



COLLEGIO DE ERMEZINDE—O 1.º "team," do "Ermezinde School Sporting," que jogou com o 1.º "team," academico do Lyceu de Braga





nhores da situação, com as costas quentes pelo poder, glorificaram esses dois desventurados e sob o consulado cordeal de Bernardino Machado annunciou-se no Alto de S. João, o lançamento da primeira pedra para o monumento dos regicidas.

Não tiveram a dignidade d'affrontar as res-

**COLLEGIO DE ERMEZINDE**—O 1.º "team," academico do Lyceu de Braga que jogou com o do collegio na explanada do Espirito Santo.

Uma phase do "match," de foot-ball na explanada do collegio do Espirito Santo. A' frente o edificio do antigo collegio.

(Clichês do dist. phot. am. snr. Augusto Chaim)



ponsabilidades mas empurraram da sombra o povo de Lisboa, para essa manifestação de 908 que cobriu de ver-

## PORTO-Concurso hyppico

Revestiu o maximo brilhantismo a festa do Concurso hyppico realisado ultimamente no Porto.

N'elle tomaram parte, além de numerosos officiaes de cavallaria, alguns civis apaixonados por este genero de "sport," e muitas senhoras.

As provas, que decorreram sempre com grande interesse, foram muito apreciadas pela numerosa e selecta assistencia sendo conferidos numerosos premios aos vencedores.

# PORTO-Concurso hyppico



Os snrs. Casal Ribeiro, Antonio Maia e Jorge Ribeiro durante as provas, sallando obstaculos



Os snrs. Azenhã Mendes, Luiz Faro e Affonso dos Santos durante as mesmas provas





*Um aspecto da assistência*



*Aspecto do jardim*

(Clichês de J. d'Azevedo, phot. da Ill. Cath.)



gonha a nossa patria, e, a seguir á defecção de caracteres de 910, inauguraram, solememente, com a sancção do chefe d'estado, essa outra vergonha nacional do museu da revolução, onde o varino do Buiça e a pistola do Costa figuravam como trophes.

O nefando attentado que enluctou a nação austriaca é, infelizmente, uma explosão desvairada de patriotismo. O regicidio do Terreiro do Paço é simplesmente uma manifestação de banditismo.

A Austria, que com a heterogeneidade das suas raças, perturbada pela reforma poli-

## BRAGA - As festas ao S. João



1. O largo da Lapa durante as festas da cidade.
2. Aspecto geral das ornamentações no Parque da Ponte.
3. As ornamentações junto á capellinha de S. João.



D. Carlos I, o grande Rei, a quem a historia ha-de um dia fazer inteira justiça, morreu victima das suas boas intenções, no dia em que quiz dominar algumas *colteries*, desvairadas pela fome do poder, pela necessidade do saque.

tica da carta Balkanica, vê ameaçada a unidade da sua constituição, sente-se forte ainda, equilibrada pelo fino e pela sympathia do velho imperador, mas vê, com receio, que no dia em que a morte arrebate o grande politico, o seu destino enveredará, fatalmente, por um perigoso caminho d'incertezas.

O principe herdeiro, continuador discreto da politica de Francisco José, constituia uma seria ameaça para as esperanças libertadoras d'algumas raças opprimidas.



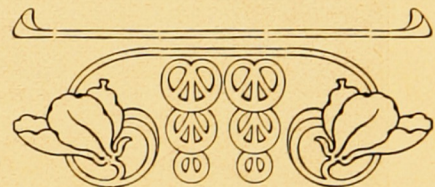


Os dois crimes são positivamente dois crimes políticos. A imprensa da Servia pôde gastar os seus melhores argumentos para provar que o assassino do príncipe herdeiro austriaco é um desvairado perigoso que uma allucinação de momento empurra para o attentado pessoal, que não logrará convencer ninguém como de resto nos não convenceram os republicanos portugueses, apresentando-nos Buiça e Costa como dois desvairados.

Ambos os crimes são a



1. A feira do gado por ocasião das festas.
2. Os bombeiros municipaes fazendo exercicios no edificio do antigo collegio do Espirito Santo.
3. Os bombeiros municipaes no final dos exercicios saudando a bandeira.



consequencia d'uma propaganda aturada, o producto inevitavel d'um largo *complot*.

E' por isso que eu pasmo com o ar diplomaticamente cumpungindo do sr. Bernardino Machado, perante o horroroso crime de Sarajevo.

Mais não sei que mais admirar na attitude do presidente do governo se o cynismo com que deplora o attentado se a inconsciencia politica com que julga ainda que o tomam a serio...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.



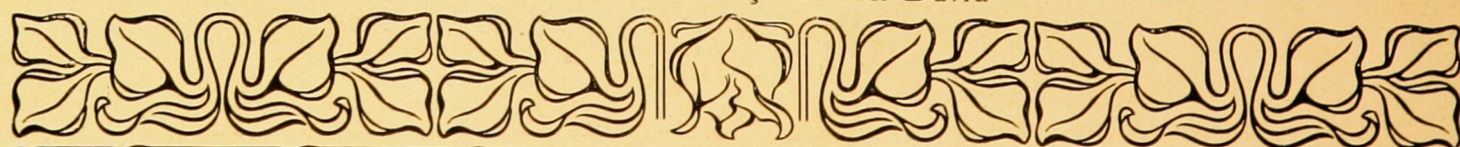




*BRAGA—Festas ao S. João. O carro dos pastores*



*A tradicional dança do Rei David*







*BRAGA—Festas ao S. João. Um aspecto da Avenida Central, inaugurada por ocasião das festas da cidade*



*Outro aspecto da Avenida Central*



# NOTAS DO ESTRANGEIRO



*PARIS—Horriavel catastrophe. Profundas excavações da rua do Havre, onde pereceram muitas pessoas*



*Efeitos da catastrophe na praça de S. Philippe*